

INDIZÍVEL

RELATO DUM ACONTECIMENTO SINGULAR



1. Há já algum tempo, estou em estado de grande ansiedade e não tenho consciência deste facto.

2. Há já alguns dias, estou em estado não consciente de alerta. Os ruídos do carro, o velho e sólido Opel 1904 SR, de cor vermelha, tejadilho revestido de vinil preto mate, parecem ser em maior número e mais fortes; o céu noturno da cidade privada de iluminação pública encheu-se de estrelas maiores e mais brilhantes. Experimento sensação de estranheza, indefinível, vagamente receosa, em relação ao firmamento. Mais próximo? Estará mais próximo? Acabo por perceber que a audição e a visão estão alteradas. Estão ampliadas. Não estou a ouvir nem a ver como ouço e vejo habitualmente. Não compreendo como isto é possível. Não sei o que está a acontecer.

3. A análise acusa infecção por *plasmodium*. Creio que é a segunda vez, desde que cheguei a Bissau, em setembro de 1992, que padeço de paludismo, não obstante ter feito ao longo de alguns meses tratamento preventivo com *Resoquina*. Sim, esta é a segunda vez.

4. O psiquiatra guineense que conhecera por acaso e a que recorri ou, porventura com mais acerto, que me socorreu nesta ocasião, não me lembro por que motivo, talvez apenas o tenha encontrado na rua e tenhamos conversado a respeito do meu estado, considerou que o melhor seria levar injeção dupla de dose única do medicamento com a denominação comercial *Fansidar*. O psiquiatra guineense! De fraca estatura, magrinho, baixinho, cuja voz me surpreendia e perturbava. Soava-me insólita e causava-me inexplicável mal-estar. O psiquiatra guineense com quem evitava encontrar-me e a cuja consulta não fora por, de maneira inesperada, ter sentido medo dele. Medo! Medo como nunca, em adulto, sentira de alguém ou de alguma coisa. Só comparável mesmo ao medo que as crianças têm de monstros e outras figuras fabulosas.

5. Ao princípio da noite, adquirida a medicação numa das farmácias da cidade já sumida no escuro, entrámos no anexo em que eu então morava. O anexo de Bissau, com a enorme mangueira na entrada, situado a escassas centenas de metros do recinto da embaixada de Portugal, da Casa do Benfica e do Estádio Lino Correia.

6. Estou em pé, atrás duma cadeira simples, de madeira, que puxei para junto de mim. As mãos apoiadas no través superior do respetivo encosto. É nesta posição que a agulha entra profundamente num dos glúteos.

7. Pouco depois do fármaco ter começado a ser administrado, com alarme, sinto uma onda de calor ardente que começa a invadir-me, percorre o corpo inteiro, chega à cabeça. Depois, sem aviso, nem a mais leve percepção da ocorrência, apago-me. Apago-me como se tivesse recebido uma dose extraforte de anestesia pré-cirúrgica e, num ápice, tivesse passado do estado de vigília para outro de profunda inconsciência.

8. Não sei o que sucedeu. Ou talvez não me recorde de tudo. É o mais provável. Não me vejo, mas estou a ir do escuro para a luz. Branca. Difusa. Lunar.

9. Como que paira o conhecimento de que alguma coisa grave teve lugar ou vai ocorrer.

10. Contudo, estou em estado de serenidade absoluta. De paz total. Não há espaço, nesta condição, para preocupações. Não é possível a inquietação. Nem é tão pouco possível exprimir com palavras a plenitude dessa tranquilidade, dessa quietação, desse sentimento de paz definitiva.

11. Apercebo-me de que naquela clareira de luz há vultos. Pouco definidos. Vagamente antropomórficos. Divisam-se mal. Talvez sejam de luz. Talvez sejam a luz que ilumina aquele espaço.

12. Parece-me que estão ali reunidos. Sim, sim, percebo que se trata dum concílio e que comunicam.

13. Tomo consciência de que há relação entre aquelas figuras e eu.

14. Dou-me conta de que estão a comunicar comigo. Com toda a clareza, embora não haja som, nem língua particular. Nem distância nem proximidade. A comunicação estabelece-se sem esforço, de modo telepático.

15. Porém, apenas consigo fixar um fragmento da mensagem: "... que é muito importante que não me esqueça". Ou, talvez, "que é muito importante, que não me esqueça". Em vão procuro reter o que está já a furtar-se à memória. Não consigo recuperar a parte perdida da mensagem. Não consigo lembrar-me do que é que é muito importante. Do que é que não devo esquecer-me. Estarei a afastar-me? Estarei a ir-me embora?

16. A inconsciência TOTAL. A escuridão MÁXIMA. O Nada ABSOLUTO. Estado de não ser. De não existência. Que não sei. Que ainda não sei.

17. Até que, de repente, agonia. Agonia. Agonia. No NADA, como que um ínfimo lampejo de consciência de si brota. Bruxuleante. Evanescente. Como minúscula bolhinha que irrompesse da crosta espessa do lodo negro da inaniidade.

18. Agonia. Momento vacilante de aflição extrema. Penosamente procuro não soçobrar. Tento emergir. Tento agarrar aquela fugidia intermitente vaga consciência de mim. Tento escapar à agonizante iminência de não conseguir sair do vácuo ou treva do não existir.

19. Um sinal fraco, indeterminado, longínquo, quase impercetível, mas insistente, começa a ganhar forma. A pouco e pouco vai conquistando atenção duma parte de mim. Como apelo que me guiasse. Como mão que me puxasse para a vida.

20. Em dado momento, dou conta de que o sinal me chega pelos ouvidos. Começo a readquirir a noção de audição. Devagar, vou recobrando a noção de eu pessoa. De maneira gradual, reconheço a existência das palavras. Apercebo-me de que aquele sinal são palavras. Acabo por compreender que estou a ouvir palavras. Palavras. E, por fim, epifania: é um chamamento! Um chamamento. "E então?" Novamente, "E então?" Outra vez, "E então?" Litanias incessantes. "E então?" Um apelo de outro mundo. "E então?"

21. Então, abro os olhos, com espanto. Sem perceber.

22. Depois, identifico com desgosto, com sensação de perda, de infelicidade, o candeeiro com o quebra-luz de linho em cima da mesa baixa com tampo de mármore róseo. A luz coada, amarelenta, imensamente tristonha. A estante estreita. O termómetro de mercúrio pendurado na parede branca.

23. Reconheço, sem alegria, que voltei para o quarto da casa de Bissau e que o médico, preocupado, está a chamar por mim. Aturdido, recordo-me por fim de que antes do sucedido estava a levar a tal injeção de Fansidar. Como é possível? Mas como é possível se a sensação que tenho é de que, entretanto, decorrera muito muito tempo. Mesmo muito tempo. Um lapso incomensurável. Como é possível?

24. Sinto-me confuso, fatigado. Estou caído para a frente, dobrado em dois pela cintura na parte superior das costas da cadeira simples, de madeira. As mãos ficaram entaladas debaixo barriga.

25. Endireito-me a custo. Noto que o dedo mindinho da mão direita ficou dobrado e foi esmagado, nesta posição, entre a anca e a travessa superior do encosto da cadeira. Dói muito. Não consigo endireitá-lo.

26. Não sei o que dizer nem o que pensar. O que foi que aconteceu? Porquê? Onde estive? O que foi aquele encontro, aquela mensagem? Como é possível o Nada? Como é possível entrar no Nada? Como é possível voltar do Nada? Como é possível não existir e existir de novo? Como explicar? Como descrever? Estou abalado. Envergonhado com as circunstâncias. Naquele momento, o dedo torcido é de certa forma um elo que me reconforta e em simultâneo me reconfirma na minha sanidade mental. Um elo, um elo. A marca de que alguma coisa inusitada aconteceu.

27. O médico procurou tranquilizar-me, despediu-se e foi-se embora.

28. Nos dias posteriores, os sintomas dissiparam-se. As novas análises, realizadas algum tempo depois, não acusaram qualquer infeção.

29. Decorreram cerca de catorze anos desde a arriscada fuga de Bissau para Dacar, por mar, num cargueiro com bandeira de Portugal, em junho de 1998. Aparentemente, a malária foi erradicada do meu organismo.

30. Pela primeira vez, rememoro com pormenor, por escrito, o acontecimento. Evoco-o com surpreendida comoção. É, pois, inesperado o aperto na garganta à medida que vai difluindo na tela da memória o encadeamento dos factos vividos. Engulo em seco inutilmente. Incontidas lágrimas testemunham em silêncio este relato. Termina.

Baixo Alentejo, 29 de abril de 2012.

Rolando Rui Gonçalves Silva

